

I

UM CURUMIM POETA

(trecho retirado)

— Ocê não me quer, Maria Benta — reclamava Damião, com os olhos na mulher. — Fica de denguiques, faz beicinho, me olha todinho, faz bico, pede colher de marmelo e é só para me atansar: come rindo e morde a boca com esse charme — resmungava, agora batendo o garfo no prato vazio.

— Ocê não me quer. Sinhá não quer é nada, mais dizendo. Iaiá quer é festa, é dança, é sapatinho novo, é penteado e penteadeira; e com esses cabelos é que vai encrespando meu coração todinho: faz obra de caboclo preguiçoso e deixa o muro por acabar pelo cochilo de rede. Vai e fica pelo caminho.

Maria Benta, ouvindo tais palavras, afundava-se no riso. Que esse Damião era mais um rapagão, um peralta sem as meias de seda! Dizia que a amava, Bentinha, e com a arte de poeta que tinha inventava palavras só para dobrar o desejo da moça. Mas o olho de Maria não se engana assim, pensava ela, e gesticulava um sorriso ébrio com a boca. Comia outra colher de marmelada, calada, risonha. E retornava o olhar de mulher que só ela tinha. Maldosa, mas divina.

— Nanhá fala é nada — dizia outra Maria, esta, Teresa, com o busto na arandela da janela que dava para o corredor do terreiro.

Duas Marias, de facto. Uma mais velha, outra nem tanto. Limitê-mo-nos a chamá-las Bentinha e Teresa, por enquanto. Esta, a última, tinha os olhos castanhos e o cabelo arruivado em cachos que encantavam. Vinha nos seus atrasados trintões. Atrasados, porque seu corpo mantinha-se inteiriço, justo e brilhante da cor de gente, da pele morena de sol, tal o de Benta que, ao contrário, completaria os seus vinte anos na semana que vem.

— E é que não diz porque sabe que é moça bonita — arfava Damião, desistindo da atenção de Bentinha. Olhava o teto mal acabado, estirado na cadeira de ferro carcomido. — Um dia ainda faço essa mulher rainha, ponho-lhe um opala na frente e pinto-lhe o corpo com esses cremes de duquesa — dizia o rapaz, com os olhos para além do teto furado. Talvez visse as estrelas da noite, pelos buracos da laje, e essas também o vissem lá de cima derramando sobre ele luzes de sandice e de paixão. Vá, que fosse sandice e filosofia sadia de pobre. Que esses santos andavam de pés descalços, e com ele não era diferente — pensava.

— Ai que ocê morre, mas não cumpre isso! — riu Teresa, oferecendo-lhe a tampa da laranja que acabava de descascar — Imperador, diga que se torna imperador, e que casa com uma outra esquecida Francisca de Bragança.

— Sarará Sinhá afaste-me esse teu gomo. Quero não.

— Damiãozinho... meu querido — irrompeu uma voz ainda não ouvida.

Era a de Bentinha, doce e fresca, revigorante, nova, forte e bem feita tal como cada detalhe naquela menina com corpo de mulher. Acabada do marmelo e enfastiada da colher, cruzava os braços morenos e esguios um sobre o outro e apoiava o queixo no pulso da mão, olhando-o com os olhos cor de ambar que tinha. — Ocê não diz que é poeta? É que poeta vira imperador não, nem rei, morre é de fome. Mas ganha coração de mulher, diz-se. Pois se quer o meu, Damiãozinho, aceite lá o gomo de Teresa e proclame um. Não me enjoie feito esse doce.

Aquela súbita mudança de atitude assustou o rapaz, que nem ouviu mais nada nem viu mais estrela alguma. A voz de moça, o cabelo de moça, os dedos de moça, tudo naquela moça era sublime. Tudo era encantador, tudo era divino, repito eu, leitor: tudo era celestial.

Preste atenção, que o que se sucedeu é difícil até de narrar.

Sentindo um ímpeto no coração, Damião logrou achar palavras dignas daquele ser que lhe pedia algo com tanto carinho. Não tinha papel para rascunhar qualquer coisa, nem tinha lembrança de trabalho antigo. Que seja!, pensou, e levantou-se num salto da cadeira que até fez Maria Teresa derrubar a laranja e resmungar: coisa que o curumim poeta não ouviu. Bentinha ia rindo quieta.

Colocou o indicador no ar e começou a declamar um poema improvisado na momento, sem muito esquema, sem muito cuidado; à moda de Drummond, mas sem a genialidade madura do verdadeiro poeta que ainda não passava de uma criança na época. Damião não tinha lido muito até então, não tinha estudo, mas sabia sim senhor: escrever e ler sabia sim. Aprendera quando ainda era muito pequeno, com sua mãe que, como dizia ele, era tísica mas letrada; uma boa mineira. Esta, por sua vez, fora ensinada pelo marido: suposto homem de política, falecido mal nascia o menino. Anos mais tarde morreria também a mãe, deixando-o só aos 7 anos.

Tinha lido uns quantos folhetos e autores da época do Império; para não dizer de Machado de Assis que, quando podia, tragava, desrespeitando o axioma do lorde Macaulay — que mais vale digerir uma lauda que devorar um volume. Era este o fascínio do jovem mineiro.

Dava sempre um jeito de guardar os contos que lia no baú da memória, ou de trancar à sete chaves os cortes de jornais numa caixinha de jacarandá: única lembrança da mãe; e que deixava no fundo do guarda-roupa, escondida pelas poucas peças de roupa que tinha. Guardava e lia-os à Bentinha quando esta pedia.

Foi assim que começou a escrever uma ou duas coisas, sem a arte do Bruxo do Cosmo; mas forçando uma mímica de coração que tentava replicar tudo o que absorvia. A mente de Damião era isso mesmo: uma esponja, um poço ansioso por transbordar e que desejava tornar-se oceano. Era de Ouro Preto e, permitindo-me dizê-lo, há nisso certa poesia. Vivera até então sempre no mesmo lugar, desde que retornara de Mariana; ocorrendo este episódio numa noite de 1907 numa casinha simples e de muro branco, janela bordada de azul desbotado e que equilibrava-se no canto de um morro íngreme. O telhado colonial era baixo, suspenso por umas toras envelhecidas. O piso era de uma cerâmica escura esverdeada e as paredes descascavam. Nada era luxuoso, senão a vista do quarto de Damião. Esta era abençoada em duas dádivas: o céu infinito e azul e o magnífico e majestoso Pico do Itacolomi, que parecia abraçar toda a cidade daquele ponto; e quando vinha o sol descendo, seu quarto pintava-se todo de um vermelho amodorrado. O estrado da cama era baixo e empoeirado, mas virado para a cordilheira; havia também uma escrivaninha que Teresa havia oferecido-lhe de aniversário aos dezoito anos, um ano depois de ter chego àquela casa, onde costumava passar noites a fio em profundos pensamentos derramados sobre a ponta de uma pena.

Sem ter onde ir, o pequeno Damião encontrou-se só numa casa vazia, quando a mãe deixou o último suspiro no ar. Durante os meses da doença, D. Marta, preocupada com o filho, não permitiu que este perdesse seus últimos momentos ao seu lado empreendido em tristezas. Todos os dias eram dedicados ao ensino da escrita e da literatura. Ensinava-lhe francês, inglês, latim, português. Falava-lhe de Voltaire com encanto e com esmero, e o menino perguntava com os olhos. Das fábulas de La Fontaine, e o menino batia palmas e dizia: “Bem feito!”. Contava dos gigantes Pantagruel e Gargântua, e o menino esquecia a moléstia em risadas. Pensava, já cansada, em cada aula: “filho meu não passa fome por pouco saber falar e escrever”, e a criança, sem saber que fazer, absorvia cada lição da mãe sem pestanejar.

Aprendeu o básico, mas ficou-lhe a semente da ambição; semente da curiosidade como assinatura de D. Marta. E quando esta partiu, deixou-lhe a tal caixa de jacarandá que tinha dentro uma versão de bolso do Novo Testamento, uns quantos folhetins de histórias que

contava-lhe para embalar o sono e um livro em francês, mas que Damião não conseguia ler muito bem: *Candide, ou l'Optimisme*, estava inscrito na capa.

Foi nesse meio tempo de vagueação que o rapaz acabou sendo enviado para a Basílica Nossa Senhora da Assunção, na bela cidade de Mariana, onde aprofundou os conhecimentos nas línguas que já trazia em si. Não fez grandes amigos, não falava e nem dizia o que queria. Vestia-se como ordenavam, repetiam o que mandavam-lhe repetir: tudo maquinalmente. Mergulhado no mar da ataraxia, disposto ao esquecimento, longe de casa.

À noite, agarrava-se às memórias doces da mãe, dos sorrisos pueris e inocentes que recebia, dos olhos escuros e profundos que este também herdara, dos cabelos ondulados e da pinta do lado esquerdo do nariz. Agora percebo, leitor, que não descrevi a aparência do nosso Damião ainda. Ora, tome a da mãe, ponha-lhe os traços masculinos, esquadrinhe o rosto, deixe-o regular e para o retangular; o cabelo é o mesmo: preto e ondulado, um tanto quanto comprido. Vá, até o limiar dos ombros brancos, onde estes tocam-lhe gentilmente. O nariz é fino e não há barba. É jovial, alguns poucos meses mais velho que Maria Benta, isto é, vai nos vinte exatos. Não tem pintas, mas tem os olhos fundos. Quiçá alguma dessas características pertençam ao pai, mas isso não o digo.

Voltando à Basílica, os dias passaram-se de forma repetida e sem paragem. Aos dezesseis para os dezessete, no ano de 1904, Damião ouviu falar a Heitor, rapaz de sua idade, da recém construída Estrada de Ferro, que ligava Mariana à Ouro Preto. Não digo que não eram amigos, mas também não digo o contrário.

Heitor era um rapaza igualmente órfão, mas de ânimo forte e rubro. Tinha uma mente inventiva e criativa; dizia querer ser inventor e que esse novo tópico de uma estrada que carregava uma “serpente de aço” na encosta das montanhas era maravilhoso; que queria poder vê-la com os próprios olhos um dia.

— Imagine! Uma grande víbora que alimenta-se de carvão e que cospe fogo pelas ventas!

— Isso mais parece é conto de fada, Heitor — respondeu-lhe Damião, um dia, sentados aos degraus da porta da Basílica.

— Você não gosta é disso? De história inventada? Pois eu gosto de história feita e real.

— E que tem essa tua serpente?

— Ouvi dizer Frei José que ela liga nossa cidade à de Ouro Preto, lá do outro lado das montanhas. Que ela vem, para, solta vapor num grande retumbar de mecanismos. Faz *puffffff*, entendeu?

— Entendi — disse Damião sem atenção, enquanto jogava pedrinhas na calçada.

— Preste é atenção! Agora que é a parte boa! — reiterou Heitor, puxando-lhe a orelha esquerda com força, que resultou no retorno do espírito de Damião ao corpo, e num gemido de reclamação.

— Diga é logo!

— Então, depois que ela para, não abre a boca, ou abre, não sei, mas entra gente! Entra gente Mião! Não sei por onde, mas entra; e ela não digere, é bixo de aço, feito por gente que carrega gente para lá, para Ouro Preto, tua cidade.

Foi aí que o coração de Damião alumiu, reluziu feito pirilampo. Como que voltasse à lógica, conectou um com dois e fez três: não, fez doze! Eram doze quilômetros até sua cidade natal, pelo que ouvira falar pelos cantos da Basílica, de padres que iam e vinham da igreja de São Francisco de Assis. Diziam e agradeciam a facilidade da locomoção e a comunicação entre as duas cidades. Chamavam-lhe “trens”, a essas locomotivas a vapor, dizia Heitor.

Dias depois, Damião foi apagando a ideia no coração ainda que a reacendesse em seguida. Retornar a sua cidade, onde vira pela última vez a mãe, e correr todos os riscos? E se falhasse? E se não conseguisse? Eram estes os pensamentos que inundavam a mente do rapaz. Eram estas as perguntas que apenas o tempo poderia responder. E bem, se o leitor permite o adiantado, digo já que de facto as respondeu.